



REVISTA CIENTÍFICA DE  
COMUNICAÇÃO SOCIAL  
DO CENTRO UNIVERSITÁRIO  
DE BELO HORIZONTE (UNIBH)

## ENQUADRAMENTOS NOTICIOSOS DA *FOLHA DE S. PAULO* SOBRE A ENTRADA E A SUSPENSÃO DA VENEZUELA DO MERCOSUL

Folha de S. Paulo's news frame on the entrance and suspension of Venezuela from Mercosur

**Paulo Roberto Figueira Leal<sup>1</sup>**  
**Thaís Manhães Alves Soares<sup>2</sup>**  
**Luiz Ademir de Oliveira<sup>3</sup>**

### **Resumo:**

O presente trabalho se propõe a analisar os enquadramentos noticiosos acionados pela Folha de S. Paulo sobre o Mercosul, com atenção aos momentos de crise que compreenderam tanto a entrada da Venezuela no bloco, quanto a sua suspensão. Através da análise de conteúdo, os textos publicados pelo periódico foram examinados e categorizados, gerando um estudo quantitativo e qualitativo. Por meio dos resultados obtidos, é possível afirmar que a cobertura foi estruturada em torno dos conflitos e das personagens, simplificando a narrativa e contribuindo para a consolidação de um debate demasiadamente raso sobre a integração regional.

**Palavras-chave:** enquadramento noticioso, Folha de S. Paulo, Mercosul.

### **Abstract:**

The paper analyzes Folha de S. Paulo's news frame on the topic of Mercosur, focusing on its moments of crisis, which included both Venezuela's entry into the organization and its later suspension. Through content analysis, the articles published by the newspaper were examined and categorized, producing both quantitative and qualitative results. By looking at the outcome, it is possible to say that the coverage was structured around conflicts and characters, simplifying the narrative and contributing to the consolidation of an excessively simplistic debate on regional integration.

---

<sup>1</sup> Professor titular da Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: [paulo.leal@ufjf.edu.br](mailto:paulo.leal@ufjf.edu.br)

<sup>2</sup> Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. Email: [thaismanhaesalves@gmail.com](mailto:thaismanhaesalves@gmail.com)

<sup>3</sup> Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF.. E-mail: [luizoli@ufsj.edu.br](mailto:luizoli@ufsj.edu.br)

**Keywords:** news frame, Folha de S. Paulo, Mercosur.

## Introdução

Tendo como pano de fundo a simbiose entre o campo da política e o campo midiático, o presente estudo se propõe a produzir uma análise de conteúdo da cobertura realizada pela Folha de S. Paulo sobre a política externa brasileira, tendo como foco a entrada e a suspensão da Venezuela no Mercosul. Nesse sentido, partindo-se de um entendimento que compreende o fenômeno da midiaticização como um fator relevante para a análise da contemporaneidade, buscou-se, na pesquisa aqui apresentada, promover um estudo das interfaces que permitem uma conexão entre os campos comunicacional e político (no caso específico aqui em tela, da política externa).

A política externa, por se tratar de um assunto distante da realidade imediata da grande maioria da população, acaba sofrendo com mais intensidade as influências do campo comunicacional, já que seus acontecimentos chegam aos cidadãos quase que totalmente de forma mediada. Assim, é urgente tratar da relação entre os dois campos e de suas consequências para o pleno entendimento das lógicas do sistema internacional contemporâneo.

O objeto de estudo se caracteriza, especificamente, pelas narrativas jornalísticas sobre o Mercosul, dando destaque aos episódios de aprovação da Venezuela como membro pleno do bloco, assim como sua posterior suspensão. É necessário ressaltar que, a todo o momento, a discussão em torno desse assunto vai muito além da mera inclusão do país em um bloco comercial. Dadas as características e desdobramentos recentes da política venezuelana, o país tem se consolidado no imaginário do cidadão brasileiro como um exemplo a ser evitado, e um parceiro a ser rechaçado. Assim, seu destino tem influenciado

os desdobramentos internos ao Brasil, chegando a se tornar pauta relevante nas eleições presidenciais de 2018. O atual presidente da República, Jair Bolsonaro, comumente utiliza o exemplo do vizinho caribenho para balizar não somente as diretrizes de sua política externa, mas também para definir seu posicionamento na política nacional e seu distanciamento dos governos antecessores.

Através da análise de conteúdo, foram investigadas as coberturas feitas pelo jornal Folha de S. Paulo nos dois momentos de crise, sendo este um veículo de grande circulação e que atinge públicos de todo o território nacional. Seguindo os preceitos de Laurence Bardin (2011), foi adotada a análise categorial, que nos permitiu classificar e quantificar os resultados encontrados, erguendo tanto um estudo quantitativo quanto qualitativo. Assim, pretendeu-se discutir de que forma os acontecimentos relacionados ao tema foram enquadrados pelo jornal, enfatizando as maneiras como este trabalhou as estratégias narrativas na abordagem dos acontecimentos dentro do universo da política externa e da integração regional. As perguntas principais que nos propusemos a responder são: que narrativas foram exploradas pelo jornal ao abordar o tema da integração, mais especificamente o Mercosul? Como essa sucessão de eventos foi conectada dentro de uma única lógica, e como foi apresentada ao leitor? Quais narrativas foram privilegiadas e quais foram menos expostas?

As hipóteses consideradas foram as de que, apesar de se tratar de um tema de grande relevância estratégica para o Brasil, as discussões sobre o Mercosul acabaram confinadas a uma só perspectiva, a econômica, enquanto os outros enfoques estiveram ignorados ou pouco abordados nos textos. Isso contribuiria não somente para a consolidação de um debate demasiadamente raso sobre a integração, mas também para o fortalecimento da própria narrativa estabelecida pela linha editorial desse jornal, que através da repetição se consolidaria como o único enfoque a ser debatido. Nesse sentido, coloca-se também

relevante a forma como o assunto é tratado nas publicações daqueles convidados a expor suas opiniões nessas páginas, tanto representantes do governo ou da sociedade civil. Nossa hipótese é a de que há pouco espaço àqueles contrários à linha editorial do jornal, sendo este preenchido majoritariamente por publicações que reforçam o enquadramento adotado pelo jornal.

## **1. O poder na era da informação: o jornalismo como construtor da realidade**

A base teórica proporcionada pelos estudos de Pierre Bourdieu nos permite analisar tal interseção a partir do aprofundamento nas questões relacionadas ao poder, aqui entendido além de sua face repressiva e negativa. Em um entendimento que vai além do economicismo, inserimos os veículos midiáticos dentro do sistema simbólico descrito pelo autor, segundo o qual o poder simbólico se caracterizaria como uma forma transfigurada, irreconhecível e legitimada das outras formas de poder, isto é, do poder econômico, social ou militar. Assim, permite obter o equivalente daquilo que é alcançado através da força, tornando-se um poder "de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo" (BOURDIEU, 1989, p. 14).

Seguindo indicações do material bibliográfico estudado, no qual encontram-se diversas pesquisas anteriores concernentes à mesma temática (STEINBERGER-ELIAS, 2005; SANT'ANNA, 2006; ZAMIM, 2010), partimos na pesquisa do pressuposto de que as narrativas adotadas pelos veículos jornalísticos contribuem para a construção da percepção que os brasileiros têm do processo de integração regional, sendo a mídia ator central na formação da opinião pública sobre um assunto relativamente distante da

realidade da maioria da população. Portanto, adotamos a tese de que a realidade é socialmente construída, e que os sentidos que compartilhamos são fruto de processos históricos da sociedade (BERGER & LUCKMANN, 1985).

Assim, por fazer parte do cotidiano de milhões de brasileiros, os veículos jornalísticos têm papel relevante nesse processo. Através da narração dos acontecimentos, os jornais são capazes de transformar o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo em relatos, dotando-lhe de sentido em um desenrolar lógico e cronológico. Assim, nossa compreensão do mundo passa por essas narrativas, sendo essas não apenas representações da realidade, mas também uma forma de exercício de poder e hegemonia daquele que narra (MOTTA, 2007).

Stig Hjarvard (2012) a caracteriza como "uma nova condição social" em que a onipresença da mídia na sociedade contemporânea implica que esta não pode mais ser considerada como algo separado das instituições sociais e culturais. O autor também avança na conceituação do que ele denomina "lógica da mídia", isto é, o *modus operandi* institucional, estético e tecnológico dos meios, incluídas aí as formas como os recursos simbólicos são distribuídos, o que leva a uma forte influência daquela sobre não só os conteúdos transmitidos, mas também sobre os receptores e, sobretudo, sobre as relações sociais como um todo. Braga (2012) afirma que já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios, mas de constatar que o funcionamento da sociedade está permeado pela lógica da cultura da mídia.

A base conceitual aqui mobilizada se alinha às teorias do enquadramento, majoritariamente a partir dos estudos de Robert Entman. Considerada uma continuação das pesquisas de agendamento, a teoria do enquadramento nos permite ir além da análise quantitativa, adentrando o estudo da construção das narrativas de forma qualitativa.

Assim, tal análise passa essencialmente pela investigação de como essas narrativas são construídas, de quais recursos são utilizados por aquele que narra e de quais são os efeitos pretendidos por elas. Seguimos aqui a definição de Entman para o enquadramento, o qual consiste em um "processo de seleção de alguns elementos da realidade percebida e a montagem de uma narrativa que destaca as conexões entre eles para promover uma interpretação particular" (ENTMAN, 2007, p. 164, tradução nossa). Segundo o autor, o agendamento, o enquadramento e o *priming*, juntos, se encaixam como instrumentos de poder, e suas pesquisas, conseqüentemente, dedicam-se a compreender como a mídia influencia a distribuição social desse poder.

O autor trabalha também com os diferentes efeitos causados pelos diferentes gêneros textuais, fazendo uma distinção entre as capacidades de editoriais e reportagens. Enquanto os primeiros possuem maior carga ideológica, os últimos se caracterizam por uma aparência de neutralidade que, segundo Entman, acaba por suavizar as resistências existentes na audiência. Assim, o aspecto puramente informativo da reportagem apela à categoria do "dizer às pessoas sobre o que pensar", enquanto os elementos marcadamente persuasivos do editorial buscam então "dizer às pessoas o que pensar". Não obstante, o modelo de interdependência defendido pelo autor alega que tanto editoriais quanto reportagens fornecem informações sobre as quais o receptor raciocina, e portanto ambos são capazes de influenciar atitudes e interpretações, quer intencionalmente ou não (ENTMAN, 1989). Além do mais, a perspectiva editorial costuma estar espelhada na cobertura noticiosa, o que ressalta a capacidade de ambos os formatos de guiar as interpretações do leitor.

Assim, entendemos aqui enquadramentos como pistas discursivas que podem impactar na cognição e na socialização do indivíduo, contribuindo para a formação da opinião pública. Nesse sentido, indo além da perspectiva individual e dos reinos cognitivos

interpessoais, é possível compreender aqui que esses enquadramentos operam dentro das rotinas discursivas dos variados grupos sociais e contribuem para uma retroalimentação entre os esquemas cognitivos individuais e os coletivos, remodelando aqueles que os moldaram em primeiro lugar. Logo, o processo de construção social dos significados é dependente dos diálogos públicos que se constroem sobre e a partir desses enquadramentos, os quais, por sua vez, encontram seu sustento e legitimação na estrutura da distribuição das fontes culturais, políticas e econômicas de uma sociedade. É por isso que, segundo Rossetto e Silva (2012, p. 108), o estudo da construção da realidade através do enquadramento envolve, necessariamente, um exame das relações de poder.

É a partir desse entendimento sobre a importância da narrativa jornalística na construção do mundo político em que estamos inseridos e, em última instância, na constituição dos indivíduos como cidadãos, que julgamos ser indispensável uma análise de um objeto valioso da política externa brasileira, o Mercosul, através da ótica e das perguntas da comunicação. Para tal, utilizamos então o método de Entman para mapear o enquadramento, partindo da análise dos recursos empregados pelos veículos midiáticos na construção do texto jornalístico, seja ele opinativo ou informativo. As categorias de Entman partem, primeiramente, da definição do problema (situando o leitor sobre qual seria questão com a qual estamos lidando), e passam pela análise causal (o que ou quem gerou o problema), pelo julgamento moral (juízo de valor sobre as questões envolvidas no problema) e pela promoção de remédios (sugestão de soluções para o problema) (ENTMAN, 2007).

Mas, principalmente, apreciaremos o material a partir das categorias pré-definidas por Semetko e Valkenburg, os quais classificam o enquadramento utilizado pelo jornal a partir dos seguintes temas: conflito (ênfase nos embates), interesse humano (apresentação emocional do tema), consequências econômicas (ótica dos seus efeitos econômicos),

moralidade (foco no contexto religioso ou moral) e responsabilidade (atribuição da culpa a alguém) (SEMETKO & VALKENBURG, 2000 apud RIZZOTTO, ANTONELLI & FERRACIOLI, 2017). Tal categorização nos permitirá mapear a narrativa construída pelos veículos sobre os dois momentos de crise aqui analisados, tornando possível não somente a quantificação dessa categorização, mas também o aprofundamento nos resultados encontrados. Assim, será estruturada não só uma análise da narrativa erguida pelo jornal sobre o assunto, também uma observação da evolução desta ao longo dos dois recortes temporais aqui selecionados.

## **2. Narrativas midiática e Mercosul**

Partindo do pressuposto de que a política internacional se constitui como um campo, segundo o pensamento de McCombs, pouco intrusivo no dia a dia do receptor, podemos concluir que a influência da mídia sobre as concepções do leitor a respeito da política externa brasileira é muito grande. Como sua experiência pessoal quanto ao tema é muito limitada, ou em alguns casos até inexistente, este depende quase inteiramente dos veículos midiáticos para tomar conhecimento dos desdobramentos internacionais e para a apreciação dos fatos. Nesse sentido, o papel do jornalismo de agir como um guia de interpretações se alarga e, por meio de mecanismos de seleção, desempenha a função social de gestor de consensos (BIROLI, 2013). Assim, o entendimento da consolidação dos projetos de integração regional na América do Sul deve necessariamente passar pela análise de como esses foram publicizados nas páginas dos jornais nacionais dos países-membros, com atenção à forma como seu desenvolvimento foi comunicado ao cidadão. A percepção individual do processo, os sentidos atribuídos a esse e as narrativas que se consolidaram como hegemônicas, todos esses fenômenos estão intimamente ligados à transmissão dos acontecimentos nas páginas dos veículos aqui examinados.



Iniciado em 1985 a partir da Declaração do Iguazu, um esforço diplomático entre José Sarney e Raúl Alfonsín, presidentes respectivamente de Brasil e Argentina, o Mercosul rompe através do esforço de ambos os países de se livrarem dos resquícios dos regimes ditatoriais e inaugurar uma nova era democrática na região. Surge, portanto, como o principal esforço de integração do Cone Sul que, apesar de forte perfil comercial, carrega grande importância política e estratégica para o continente. Inserido na década de 1990, é inaugurado como um projeto neoliberal que visa instituir o livre mercado no Cone Sul, em vista de preparar e fortalecer seus membros para a concorrência em um cenário internacional globalizado.

Muitos foram os momentos de instabilidade no bloco. O governo de Dilma Rousseff (PT) protagonizou, em 2012, o que era considerado até então a maior crise institucional da história do Mercosul. Também enfrentando dificuldades políticas internas, o presidente do Paraguai Fernando Lugo acaba sofrendo, em junho daquele ano, um abrupto processo de *impeachment*, o qual acabou sendo concluído em menos de 36 horas. Alegando tempo insuficiente para sua devida defesa, Lugo acusa a ilegalidade do processo, episódio que é então utilizado pelos membros do Mercosul como um motivo para o acionamento da cláusula democrática do bloco, prevista no Protocolo de Ushuaia.

Como o congresso paraguaio era o único a bloquear o pedido de adesão da Venezuela, sua suspensão acabou propiciando a incorporação dos venezuelanos ao bloco. Consequentemente, por ter sido marcada por uma entrada bastante conturbada, a participação da Venezuela no Mercosul passaria então a ser contestada e criticada por diversos atores ao longo de toda a sua permanência no bloco, o que também culminaria, alguns anos depois, em sua primeira suspensão. Bancada pelos governos progressistas da região, que no momento se encontravam em sintonia com o governo Chávez, a

participação plena venezuelana se sustentou até que houvesse uma mudança política nos países da região, o que acabou acontecendo.

O processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2015 se liga a uma sucessão de eventos que levaram a uma retomada da onda conservadora na região. Acusada de ter descumprido a Lei de Responsabilidade Fiscal, Rousseff é destituída do cargo em meio a grandes protestos nas maiores cidades do país, tendo diversos grupos da sociedade descontentes com o seu governo. Alavancado por forças políticas insatisfeitas com a chamada "política externa ideológica" dos tempos petistas, o então vice-presidente Michel Temer sobe ao poder se espelhando em seu vizinho Mauricio Macri, ao também defender para o país uma agenda de reordenamento internacional. Assim, há uma sintonia entre as duas lideranças quanto a uma nova orientação para o projeto de integração regional, e mais especificamente uma menor tolerância à permanência da Venezuela no Mercosul.

Nesse sentido, as forças políticas que haviam assegurado a plena participação venezuelana no bloco não se encontravam mais capazes de sustentar tal cenário. É nesse momento de concertação entre os governos conservadores que se dá a primeira suspensão da Venezuela dentro do Mercosul. Conhecido crítico do governo Hugo Chávez e, por consequência, de sua permanência no Mercosul, o então ministro José Serra se aproveitou da convergência com os governos argentino e paraguaio para impulsionar a suspensão, que se deu ao final de 2016. Alegando não cumprimento de obrigações assumidas no Protocolo de Adesão, os membros fundadores do bloco decidem cessar o exercício de seus direitos inerentes à condição de Estado parte. A decisão provoca polêmica visto que, segundo Junqueira, outros Estados também apresentam morosidade quanto à internalização de acordos e normas, no entanto estes não sofreram as mesmas consequências impostas à Venezuela.

Mesmo reconhecendo as oportunidades comerciais e os ganhos no curto prazo com a adesão venezuelana, o setor privado brasileiro ainda se via temeroso quanto às instabilidades políticas do país e quanto às dificuldades que sua adesão traria ao bloco na busca pela assinatura de novos acordos com terceiros países. Mesmo assim, em documento de 2013, a Fiesp reiterou a importância do Mercosul e a necessidade de se garantir que a incorporação da Venezuela se desse de forma adequada e que fosse assegurado o cumprimento das normas mercosulinas por parte do novo membro (FIESP, 2013).

A inclusão e posterior suspensão da Venezuela do Mercosul é um reflexo, portanto, das mudanças políticas internas do Brasil e de seus parceiros, cuja convergência de ideias contribuiu para as mudanças de paradigma no projeto de integração regional. Assim, a análise dos movimentos e rupturas intrabloco deve necessariamente levar em consideração os numerosos grupos e setores da sociedade interessados tanto na incorporação da Venezuela no bloco, como também no seu isolamento. Esses grupos então utilizam mecanismos de pressão para influenciar a atuação do Estado brasileiro, bem como para garantir apoio à sua internacionalização ou barganhar através de suas capacidades comerciais ou mobilizacionais. Aqui, portanto, se insere o campo midiático, que se coloca como arena de publicização de opiniões desses grupos, os quais atuam para levar à opinião pública seus posicionamentos em relação a essas políticas do Estado.

A pesquisa se estrutura na utilização da análise de conteúdo, adotada aqui segundo o conceito de Laurence Bardin, que pretende erguer uma investigação do conteúdo de um texto com a finalidade de interpretar esse mesmo. Além do levantamento de dados quantitativos, foi também erguida uma análise qualitativa, de forma a enriquecer e tornar mais completa a pesquisa. Foi utilizado o método da categorização, descrito pela autora

como "uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos" (BARDIN, 2011, p. 147).

Nesse sentido, apreciamos o material a partir das categorias pré-definidas por Semetko e Valkenburg, avaliando em qual categoria se encaixa cada texto, sendo sua narrativa construída majoritariamente sobre um dos quadros. Além disso, seguindo os passos de Entman para a análise de enquadramentos, foi utilizada a avaliação sugerida pelo autor para a devida análise dos aspectos destacados e preteridos nos textos. Essa, no entanto, foi aplicada a poucos textos, majoritariamente editoriais, já que a maioria das publicações não fornece material suficiente para essa análise. Todavia, apesar de escassos, os resultados nos permitem compreender melhor o enquadramento buscado pela linha editorial do jornal, e elucidar as formas como a narrativa é trabalhada nos demais tipos textuais no sentido de reforçar essa mesma linha. Por fim, o recorte temporal foi definido a partir da data dos acontecimentos selecionados, delimitado no período dos seis meses anteriores e seis meses posteriores à aprovação final e à primeira suspensão da Venezuela no Mercosul.

A pesquisa foi feita nos acervos digitais do jornal, a partir de uma delimitação da busca segundo o recorte temporal aqui selecionado, e segundo o tema proposto, através da utilização da palavra-chave "Mercosul". Foram encontradas publicações referentes a todos os tipos textuais, assim como também foram analisados textos encontrados em todos os cadernos e seções dos jornais, que variam dos assuntos econômicos aos culturais. A distinção entre os textos analisados e os descartados se deu de forma subjetiva, em que foram selecionados para a pesquisa apenas publicações que tratam de temas do Mercosul, excluídas aquelas dedicadas a outros assuntos, mas que apenas mencionam a palavra-chave pontualmente. Essa seleção se deu no sentido de garantir à pesquisa uma coerente

seleção de material, com publicações que permitam a justa análise das narrativas sobre o bloco.

A partir da análise do material, foi possível constatar que o número de publicações que utilizam o enquadramento do conflito superaram em muito o restante das categorias. Isso porque tanto a suspensão do Paraguai quanto a adesão venezuelana estavam inseridas em um ambiente de disputas políticas não somente internacionais, mas também que acabam estimulando e sendo estimuladas por outras disputas presentes na política interna de cada país membro. Assim, dentro do recorte temporal aqui estipulado, que engloba as edições publicadas entre os dias primeiro de fevereiro de 2012 e 31 de janeiro de 2013 (marcados pela data de efetiva inclusão da Venezuela no bloco, oficializada em uma cerimônia em Brasília com os Chefes de Estado, no dia 31 de julho de 2012), foi possível chegar à seguinte distribuição, representada pelo gráfico abaixo.

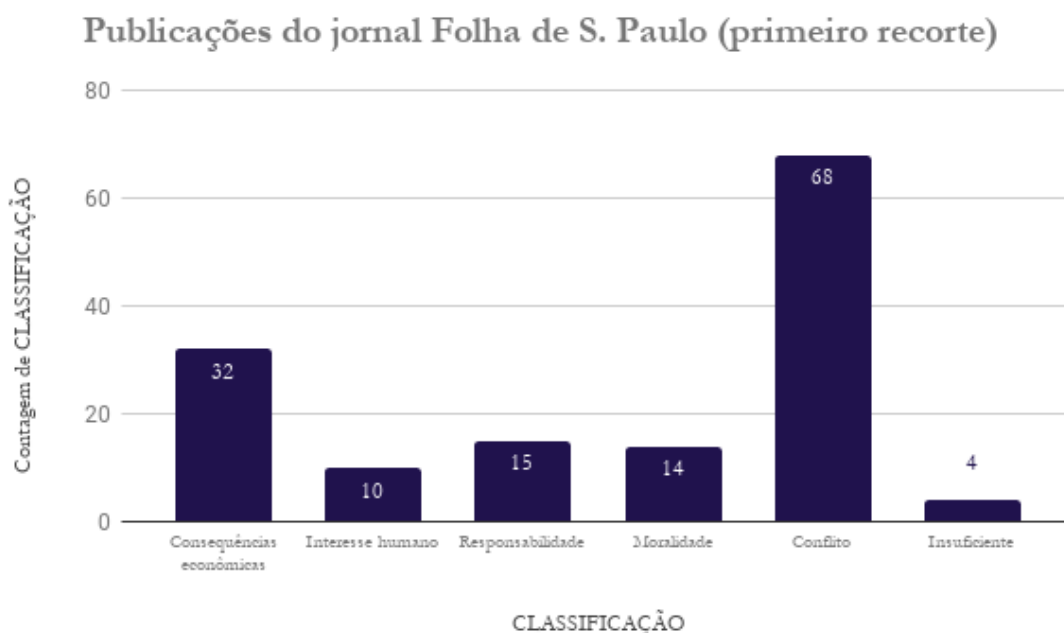


Figura 1: Representação gráfica dos enquadramentos mais explorados pelo jornal Folha de S. Paulo no primeiro recorte temporal.

Fonte: Elaboração da própria autora (2018).

Assim, o jornal acaba trabalhando repetidamente a crise no Mercosul através do prisma do conflito entre diversos atores e grupos. Além de utilizar frequentemente o recurso da personalização dos embates, ao focar nos desentendimentos pessoais entre os líderes políticos, a Folha também traz os antagonismos para os campos nacionais, dando ênfase às disputas políticas dentro de cada Estado, e às consequências da crise regional sobre possíveis mudanças governamentais nos países membros. Assim, é concedido espaço aos atores oposicionistas, onde esses publicizam seus posicionamentos sobre a questão e aproveitam para fazer críticas às decisões do governo. Com isso, em um período de intensa partidização da política externa, o espaço do jornal é utilizado para que essa oposição possa manusear a condução dos assuntos internacionais como um símbolo das divergências ideológicas e como uma frente de batalha pelo poder. Nesse sentido, é também bastante empregado o enquadramento da responsabilização, onde atribui-se ao governo a culpa de todas as adversidades presentes no projeto da integração regional.

Ainda que em seus editoriais a Folha defenda uma reorientação do Mercosul em torno de objetivos puramente comerciais, suas análises acabam também fugindo ao tema, e se concentram majoritariamente sobre os assuntos políticos do bloco. Essa condução do debate acaba gerando dois efeitos: em primeiro lugar, a própria Folha contribui para a crescente centralização do aspecto político nas discussões sobre a integração, indo de encontro com o posicionamento defendido pela linha editorial; em segundo lugar, esse cenário acaba também produzindo mais argumentos favoráveis à tese de que tal perspectiva seria a causadora de todas as perturbações dentro do projeto, provendo assim mais argumentos ao jornal na defesa de seu ponto de vista. Há portanto um processo de retroalimentação, cuja característica mais sintomática é a transformação do debate em

algo repetitivo e pouco elucidativo.

Assim, percebe-se que a linha editorial do jornal se mantém a mesma desde a criação do bloco, pautada pela defesa de um projeto de integração neoliberal e restrito aos aspectos comerciais. Nesse sentido, depois do prisma conflitivo, o enquadramento mais utilizado pela Folha é o das consequências econômicas, algo natural já que o Mercosul se constitui em um projeto voltado à expansão dos mercados nacionais. Em seguida, respectivamente, temos a utilização do ângulo da responsabilidade, da moralidade e do interesse humano. Por último, foram classificados como "insuficiente" os textos que não apresentaram conteúdo suficiente para que uma análise pudesse ser empreendida. Também foi maioria o tipo textual "Notícia" (77 dentre uma totalidade de 135) e as publicações no caderno "Mundo" do jornal (93 dentre 135).

Verificamos também que as publicações que tratam diretamente do tema Mercosul eram escassas até a destituição do então presidente do Paraguai Fernando Lugo, em 22 de junho de 2012. Em um período de quase cinco meses (do dia primeiro de fevereiro até 21 de junho), foram identificados apenas sete textos (sejam reportagens ou artigos de opinião) tratando de assuntos da integração regional. Portanto, a grande maioria dos textos está concentrada no período entre junho e agosto do mesmo ano, e trata quase em sua totalidade da crise política que se instala no bloco com a suspensão paraguaia e a posterior inclusão dos venezuelanos.

O jornal do dia 30 de junho traz em destaque na capa o título "Mercosul aproveita ausência do Paraguai e inclui Venezuela", ressaltando que a manobra levanta questionamentos legais (FOLHA DE S. PAULO, 30 jun. 2012). Já na terça-feira, dia 03 de julho, o jornal traz em destaque na capa a matéria "Dilma pressionou por Venezuela, diz Uruguai", contendo afirmação de Luis Almagro, então ministro das Relações

Exteriores do governo Mujica, de que "o ingresso da Venezuela no Mercosul só ocorreu por causa da intervenção da presidente Dilma Rousseff", decisão à qual, segundo ele, seu país se opunha (FOLHA DE S. PAULO, 03 jul. 2012). Novamente o ponto de vista é o de conflito entre grupos ou entre personagens da notícia, com o jornal sustentando sua narrativa nos desentendimentos que causaram e acabaram também sendo causados pelas mudanças no bloco.

Essa linha editorial não se altera. As críticas ao bloco e às políticas de seus membros, no entanto, tornam-se cada vez mais numerosas do que os elogios, e os editoriais mais duros em relação ao governo Chávez. No segundo recorte temporal, a ótica do conflito continua sendo a mais explorada pelo jornal. Diferentemente da ruptura política de 2012 no Paraguai, em que um acelerado processo de *impeachment* pegou os jornais de surpresa, as instabilidades do bloco em 2016 já há tempos eram debatidas pelos colunistas, e a suspensão da Venezuela já era prevista meses antes de ser oficializada. Com isso, não se repete aqui a concentração da grande maioria das publicações no período da ruptura, estando essas melhor distribuídas ao longo de todo o recorte temporal. Por outro lado, a distribuição entre tipos textuais e cadernos onde os textos foram publicados permaneceu inalterada, continuando o tipo "Notícia" a ser maioria (75 dentre 143), assim como o caderno "Mundo" (98 dentre 143).

Outra continuidade é o paralelo feito entre as disputas políticas nacionais e regionais, com o jornal a todo momento agrupando os diversos atores entre dois grupos antagônicos e ideologicamente inconciliáveis: os ditos "bolivarianos" de um lado, e os neoliberais de outro. Assim, são exploradas as mudanças políticas nos países membros como fundamento para as comparações de posturas e responsabilizações sobre os erros e acertos internacionais. Nesse sentido, o governo Temer é frequentemente classificado a partir do contraste com as administrações petistas, e o governo Macri, do mesmo modo,



qualificado sempre em comparação com os governos kirchneristas. Seguindo o mesmo enquadramento adotado na crise de 2012, o jornal aqui também usa da personalização da política, trabalha as afinidades e disputas pessoais dos líderes envolvidos, e insere os embates regionais nas disputas nacionais de cada membro.

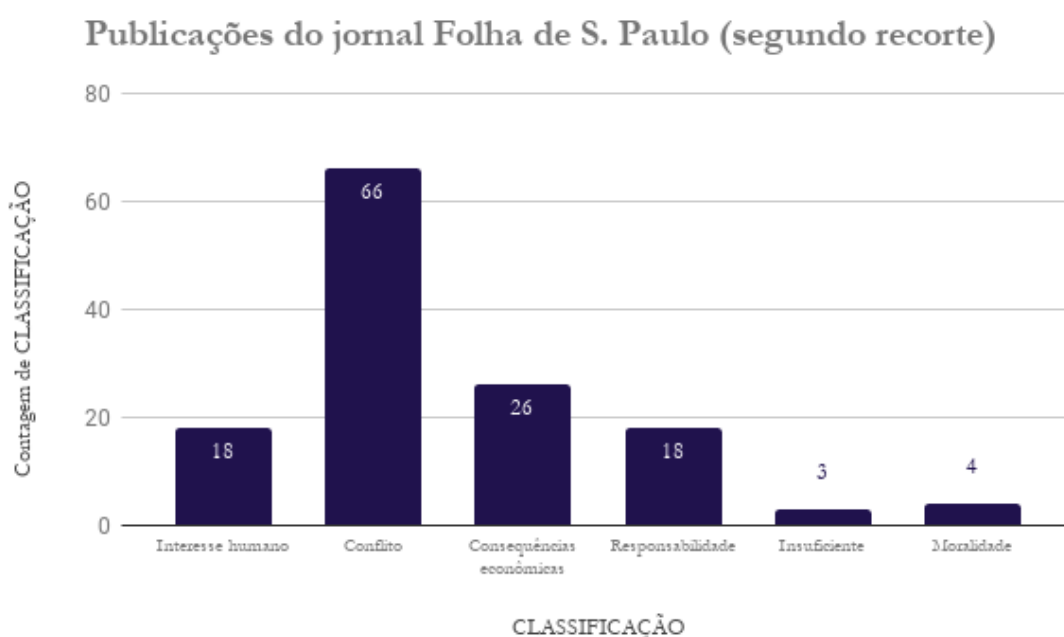


Figura 3: Representação gráfica dos enquadramentos mais explorados pelo jornal Folha de S. Paulo no primeiro recorte temporal.

Fonte: Elaboração da própria autora (2018).

Uma clara diferenciação é o crescimento no uso do enquadramento de interesse humano, já que em 2016 a crise humanitária na Venezuela acaba se agravando e transbordando as fronteiras do país. Com isso, muitas são as publicações que abordam a necessidade de se instituir uma comissão regional para o tratamento da questão, assim como a defesa de uma suspensão de Caracas do bloco em razão das violações de direitos humanos cometidas pelo governo Maduro. No mesmo sentido, o prisma da responsabilidade é também bastante explorado, tanto na atribuição da culpa sobre as administrações

chavistas e petistas, como sobre o Itamaraty, o governo Cristina Kirchner, e até o chanceler José Serra, em certo momento muito elogiado pelo jornal, mas ao fim criticado pela complacência. Muitos foram os textos em que vários enquadramentos foram utilizados ao mesmo tempo, mas que acabaram sendo classificados de acordo com aquele cujo destaque foi maior.

Apesar de, em 2016, o país estar enfrentando uma séria crise econômica, o tema acabou sendo menos explorado nesse segundo recorte em relação ao primeiro. O dado traz surpresa, pois, além de se esperar que o próprio cenário trouxesse tal perspectiva ao centro do debate, a troca governamental também trouxe ao Planalto uma administração preocupada em recuperar o protagonismo do comércio no âmbito do Mercosul, o que seria também suficiente para um aumento na abordagem sob o prisma das consequências econômicas da crise no bloco. Novamente, a insistência da Folha na abordagem do tema através dos conflitos políticos acaba indo de encontro com o posicionamento defendido pela sua própria linha editorial, de retorno à gênese comercial do bloco. Com isso, a narrativa sobre o Mercosul continua confinada aos aspectos das disputas políticas e dos desentendimentos entre chefes de Estado, impossibilitando uma ampliação do escopo do debate público para outros temas também relevantes ao pleno entendimento da questão.

No primeiro editorial dentro desse recorte temporal, o jornal defende que a mudança de governos na região pode significar uma nova chance para o bloco (FOLHA DE S. PAULO, 27 jun. 2016). Utilizando o método de Entman para esclarecer enquadramentos, podemos perceber que o problema apontado pela Folha é que "o Mercosul tem funcionado antes como obstáculo do que como trampolim para negociações comerciais do Brasil com o restante do mundo" e que "faz tempo que se tornou necessário mudar essa situação". Assim, os culpados seriam os "governos esquerdistas e protecionistas", que não implementaram a visão fundadora do bloco de instituir plenamente uma zona de livre circulação de mercadorias na região. O julgamento moral vem da comparação entre os

governos "esquerdistas" anteriores com o novo, tendo agora José Serra na frente do Itamaraty, um "crítico dos mecanismos que impedem o país de negociar sem o aval dos demais membros". Ao final, é sugerido no texto que "o Mercosul funcionaria melhor como zona de livre-comércio [...], mas sem a fixação de política comercial e tarifas comuns para terceiros", adequando-o "às circunstâncias e necessidades do Brasil".

Percebe-se que, nesse período de afastamento da presidente Dilma, com o governo interino de Michel Temer tentando distanciar-se da política adotada pela petista, os jornais acabam expondo diversos textos analíticos de crítica à administração anterior, com apontamento de possíveis direções para o próximo presidente. Assim, o período de transição foi bastante fértil para as análises de conjuntura e apreciação dos rumos tomados pelo país até então. Assim como o editorial analisado acima, muitos serão os textos ancorados na ótica da responsabilidade, sempre associando as adversidades aos governos petistas. Em outro sentido, será também bastante utilizado o enfoque no conflito entre forças políticas opostas, já que dentro do Mercosul tivemos mudanças drásticas na Argentina, no Paraguai e no Brasil, com a subida ao poder de governantes de direita, enquanto no Uruguai e na Venezuela houve uma continuação. O conflito retratado no jornal se dá entre as diferentes visões sobre o bloco, e entre as diferentes atitudes em relação ao governo venezuelano. Ainda assim, o jornal traz a alusão de que as visões defendidas por Venezuela e Uruguai estariam em consonância com aquelas adotadas pelas administrações Lula e Dilma, recuperando assim a ideia da responsabilidade e a associando à do conflito.

Quando em julho é discutida a questão de se passar ou não a chefia do Mercosul à Venezuela, próxima na fila do rodízio, o jornal traz diversas notícias que atestam a divisão no interior do bloco e o impasse que a questão criou (FOLHA DE S. PAULO, 06 jul. 2016). A ótica do conflito é explorada intensamente nesse texto, em que são evidenciados

os dois lados do debate. Também é trazido o fato de que, ao viajar para Montevidéu para conversar com Tabaré Vázquez, Serra é acompanhado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que também defende que a passagem da presidência do bloco a Caracas seja adiada. Em consonância, Macri também divulgou ser contra a entrega da gestão do bloco aos venezuelanos, colocando-se ao lado do Brasil na questão. Segundo Serra, a posição brasileira seria "intermediária", "entre a paraguaia, totalmente oposta à entrega da presidência, e a uruguaia, favorável a respeitar o cronograma". Nesse sentido, não somente o jornal utiliza a narrativa do conflito em suas notícias, mas também as personagens inseridas no episódio, como Serra que usufrui da contenda externa para angariar capital político interno e se posicionar avesso a outro grupo e outras ideias que movimentavam o debate nacional.

Já em fevereiro, o jornal traz o posicionamento do setor industrial brasileiro, que insatisfeitos com os rumos do Mercosul, pedem "mudanças no bloco (FOLHA DE S. PAULO, 07 fev. 2017). É divulgado relatório da CNI, que defende ser necessário "destravar o comércio" regional, com o setor apostando nos frutos da "boa relação entre os presidentes dos dois países", Mauricio Macri e Michel Temer. As sugestões do setor industrial harmonizam com a linha editorial do jornal, também defensor da liberalização do mercado mercosulino e da dedicação às questões da pauta comercial. Esse é um modelo inspirado nos ideais neoliberais, com "ampliação condicionada aos interesses econômicos e comerciais, mínimo de institucionalidade, maior agilidade decisória" (MARIANO, 2015, p. 65), além de estar sempre condicionado aos custos que produz para o país. Assim, há uma lógica na narrativa, que se atém a esse paradigma de integração, mesmo que em alguns momentos variando entre as perspectivas do conflito, da responsabilidade e das consequências econômicas.

O que ficou claro no tratamento pelo jornal da questão da Venezuela no Mercosul é que,

apesar de o jornal defender uma visão pragmática do bloco, focada nos aspectos econômicos e comerciais, mesmo com os claros benefícios à balança comercial brasileira, a relação com os venezuelanos sempre foi pautada pelo aspecto político. Mesmo nos momentos em que o jornal expõe o entusiasmo do setor industrial com a adesão da Venezuela e o potencial que essa oferece ao sistema produtivo nacional, as publicações acabam sempre assinalando o enfoque político da questão, dando maior dimensão a esse ângulo do que ao comercial. No mesmo sentido, os aspectos estratégicos, como a segurança energética e a ampliação do alcance mercosulino para o Caribe, são apenas pontuados em raros momentos, e sempre por autoridades entrevistadas, como o caso do diplomata Samuel Pinheiro Guimarães. Assim, a narrativa sobre a participação da Venezuela no Mercosul acabou sequestrada pelos aspectos políticos, ainda que a pauta econômica e comercial tenha sempre sido defendida pelo jornal como uma questão a ser priorizada.

## **Considerações finais**

Compreender a importância do tópico Venezuela para a política brasileira é compreender por quais motivos as narrativas jornalísticas sobre tal assunto se colocam tão relevantes para o entendimento do cenário atual. Nosso esforço aqui se colocou não somente na elucidação do imbricamento entre os campos da comunicação e da política, mas também da ligação direta entre os desdobramentos da política nacional e internacional. A análise dos textos demonstra que tal junção é bastante explorada pelos veículos, que a todo tempo associam personagens do cenário nacional a seus correlatos internacionais, construindo uma narrativa de embate ideológico que transcende fronteiras. Nesse sentido, as disputas internas pelo poder e as divisões entre grupos e partidos são exploradas tanto no Brasil quanto em seus vizinhos, e estes são relacionados como se representassem dois grupos

antagônicos e homogêneos, travando a mesma luta dentro de cada território.

Ao analisar os resultados a partir da perspectiva dos estudos de narrativa, nos foi possível confirmar a afirmação de Motta de que o conflito representa, em qualquer narrativa, o principal elemento estruturador, o núcleo em torno do qual todo o resto gravita. A identificação destes conflitos auxilia, por outro lado, na atribuição de papéis às personagens, outro recurso também largamente utilizado nos textos aqui esmiuçados. O que nos surge relevante aqui é o fato de a representação dessas personalidades nas páginas dos jornais sugerir um delineamento proposital, no sentido de se permitir uma associação automática entre a definição do problema e a análise causal. Logo, quando identificamos os enquadramentos de acordo com o método de Entman, o apontamento das causas dos problemas indica, em sua maioria, os erros e retrocessos provocados pelos mandatários. Assim, a narrativa dos jornais em torno da personalidade dessas figuras históricas é construída no sentido de consolidar, na opinião pública, uma associação direta não entre as personagens e a história, mas entre os indivíduos reais e os problemas retratados nos textos.

Assim, a análise aqui erguida nos permite confirmar não somente a escassez do tema regional no debate público, mas também a forma rasa e repetitiva com que é tratado. A insistência dos jornais em um mesmo enquadramento demonstra, primeiramente, seu empenho em trabalhá-lo de forma a torná-lo hegemônico. Em segundo lugar, demonstra o apego do jornal aos recursos narrativos clássicos, dentre eles a retratação da história através do conflito e a personalização do debate. Este corrobora a tese de que, longe de buscar contribuir para a discussão e entendimento do tema, seu objetivo é uma simplificação do tema, no sentido de uma facilitação da interpretação do leitor e da absorção segundo os enquadramentos escolhidos pelo jornal. Por último, a excessiva personalização auxilia, da mesma forma, no fortalecimento da narrativa da culpa, em que

as personagens-chave da história são responsabilizadas pelos problemas identificados nessa mesma narração.

## Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo; Revisão técnica: Adriano Correia - 11 .ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARDIN, Laurance. **Análise de conteúdo**. 3. reimp. Lisboa: Edições, v. 70, 2011.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado da sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERRINGER, Tatiana. **A burguesia brasileira e a política externa nos governos FHC e Lula**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2015.

BERRINGER, Tatiana; KOWALCZYK, Anna. As burguesias brasileira e chilena e os dilemas da integração regional. **Estudos internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas**, v. 5, n. 1, p. 47-62, 2017.

BIROLI, Flávia. **Limites da política e esvaziamento dos conflitos**: o jornalismo como gestor de consensos. Brasília: Revista de Estudos Políticos, 2013-1. Disponível em <<http://revistaestudospoliticos.com/wp-content/uploads/2013/10/6p126-143.pdf>>. Acesso em 7 out 2018.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

\_\_\_\_\_. **Sobre o Estado**: cursos no Collège de France (1989-92). Editora Companhia das Letras, 2014.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. **Mediação & Mídia**, Salvador: EDUFBA, p. 31-52, 2012.

CERVO, Amado Luiz. A política exterior: de Cardoso a Lula. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 46, n. 1, p. 5-11, 2003.

CERVO, Amado Luiz; LESSA, Antônio Carlos. O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014). **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 57, n. 2, p. 133-151, 2014.

DESIDERÁ NETO, Walter Antonio. As Mudanças no sentido estratégico do Mercosul para a política externa brasileira: da redemocratização (1985) à crise brasileiro-argentina (1999-2002). **Revista Tempo do Mundo**, 5(1): p. 153-169, 2013.

DOS SANTOS, Raquel Paz. A revitalização do Mercosul no contexto da diplomacia de Lula para a América do Sul. **Polis. Revista Latinoamericana**, n. 39, 2014.

ENTMAN, Robert M. Framing bias: Media in the distribution of power. **Journal of communication**, v. 57, n. 1, p. 163-173, 2007.

\_\_\_\_\_. How the media affect what people think: An information processing approach. **The journal of Politics**, v. 51, n. 2, p. 347-370, 1989.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Agenda de integração externa**. Documento de posição. São Paulo: junho de 2013. Disponível em <<http://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes/propostas-de-integracao-externa-da-industria/>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

HJARVARD, Stig. Mídia-tização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 5, n. 2, 2012.

JAEGER, Bruna Coelho. **A política externa do governo Dilma Rousseff para a América do Sul (2011-2015): o fim do paradigma logístico?** / Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais. Porto Alegre, 2016.

MARIANO, Karina Lilia Pasquariello. **Regionalismo na América do Sul: um novo esquema de análise e a experiência do Mercosul**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

MATTA, Fernando Reyes. The Latin American concept of news. **Journal of Communication**, v. 29, n. 2, p. 164-171, 1979.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, p. 143-167, 2007.

RIZZOTTO, Carla Candida; ANTONELLI, Diego; FERRACIOLI, Paulo. A política nas páginas dos jornais: uma discussão metodológica sobre o enquadramento noticioso. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 13, n. 24, 2017.

ROSSETTO, Graça Penha Nascimento; SILVA, Alberto Marques. Agenda-setting e Framing: detalhes de uma mesma teoria?. **Intexto**, n. 26, p. 98-114, 2012.



SANT'ANNA, Francisco. América Latina—um tema fora da pauta. **Uma análise sobre o papel**, 2006.

STEINBERGER-ELIAS, Margarethe Born. **Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina**. EDUC-Editora da PUC-SP, 2005.

TARGA, Leandro Garcez. Elementos para uma Sociologia das Relações Internacionais: o campo dos diplomatas e o Estado como metacampo. **Plural (São Paulo. Online)**, v. 24, n. 2, p. 65-85, 2018.

ZAMIN, Angela. América Latina na imprensa: uma análise a partir de textos acadêmicos brasileiros do período 1980-2005. **Estudos em Comunicação/Communication Studies**, v. 7, p. 219-234, 2010.